

CARA A CARA COM O INIMIGO: GUERRA E TRAIÇÃO EM *PANTERA NO PORÃO*, DE AMÓS OZ

FACE TO FACE AGAINST THE ENEMY: WAR AND BETRAY IN A PANTHER IN THE BASEMENT, FROM AMÓS OZ

Paulo Sérgio de Proença¹

Resumo

Pantera no porão narra o drama de quem enfrentou o inimigo dentro do furacão da guerra, do ponto de vista da adolescência. A obra se sustenta num jogo de elementos duplos e opostos em torno de uma questão central: o que é traição? O encontro de Prófi (personagem principal) com o inimigo é central para exploração dos dois lados que as coisas têm e das consequências disso para a compreensão do sentido de *traição*.

Palavras-chave: Amós Oz. *Pantera no Porão*. Traição.

Abstract

A Panther in the Basement tells the drama of those who faced the enemy within the hurricane of war, from the point of view of teenagers. The work is grounded in a set of doubles and opposing elements around a central question: what is betrayal? The meeting of Proffy (main character) with the enemy is central to the operation of both sides that things have and the consequences for the understanding of the sense of betrayal.

Keywords: Amós Oz. *A Panther in the Basement*. Betrayal.

¹ Doutor, Professor Adjunto na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, campus dos Malês.
pproenca@unilab.edu.br

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*Mas, o que é realmente a traição?
O que pode haver de mais próximo a alguém do que seu próprio
sangue? E eis que até nosso sangue nos trai.*
(OZ, 1999, p. 12, 19)

Um convite a uma séria reflexão sobre as verdades traiçoeiras da vida: essa é a sensação da leitura da obra *Pantera no porão*, de Amós Oz. Somos todos traidores e traídos por nós mesmos.

Mas o que é a traição? Essa questão, que se amplia em um drama existencial, percorre a obra; uma sombra trágica acompanha permanentemente o desenrolar dos acontecimentos, pois essa dúvida crucial atormenta o espírito de um pré-adolescente acusado por pré-adolescentes de *alta* traição; a adolescência é aquela fase da vida em que tudo é nada, nada é definitivo, tudo está em construção. Eis um embaraço inicial: como explicar o porquê de uma adolescência massacrada pela violência e pela morte, consequências funestas de um mundo em guerra?

Há, por isso, uma metalinguagem militar que configura a obra². Tudo é apresentado e explicado pela metáfora bélica. Um detalhe, uma minúcia qualquer, aparentemente sem importância, ganha destaque sob o efeito desse recurso³.

Pretendemos nos ocupar do capítulo sétimo, que descreve o encontro de Prófi com o sargento Dunlop. O capítulo não tem autonomia, evidentemente, pois se articula com o restante da obra. Assim, serão apontados alguns elementos dessa articulação (o encontro e os desdobramentos dele; os dois lados que as

² Essa metalinguagem define o foco a partir do qual os fatos são narrados e a perspectiva sob a qual são avaliados: é uma espécie de funil que *conforma* (ou melhor: *deforma*) as experiências e sensações.

³ Veja-se, por exemplo, a interessante e saborosa descrição da biblioteca do pai de Prófi, no capítulo 19.

coisas têm; o aprendizado de idiomas) e as consequências deles para uma tentativa de compreensão do sentido de *traição* na obra.

1 O ENCONTRO

Expondo-se a um perigo desnecessário, Profi, certo dia, não voltou para casa antes do horário de recolher. Seus pais ficaram preocupados, com razão, pois em outra cidade um garoto tinha sido punido severamente pelo mesmo procedimento. Com Prófi, contudo, isso não aconteceu.

Como foi observado, o encontro entre Prófi e o sargento Dunlop é narrado no capítulo sétimo⁴. Como membro da *resistência*, Prófi tinha expectativa, ainda que vaga, de que um dia isso poderia acontecer. Afinal, o povo estava em estado de guerra com os ingleses. O confronto não demorou a chegar.

1.1 A caracterização do inimigo

Para que se tenha ideia da forma com que o inimigo de guerra é caracterizado, serão apresentados os seguintes excertos (os grifos são nossos):

A mão que agarrava os meus cabelos não era pesada, mas grande e macia, como uma água-viva. Assim também a voz atrás daquela luz forte: não o costumeiro latido de lobo dos ingleses. (OZ, 1999, p. 39).

Era um policial britânico, meio mole e desajeitado [...] Entre a calça e a meia, os joelhos brancos reluziam na escuridão; pareciam rechonchudos e macios. (OZ, 1999, p. 39).

E aqui estava a mão do inimigo no meu ombro, e eis que não era firme nem desdenhosa, mas ao contrário, parecia feita de algodão. Senti vergonha, como se estivesse sendo tocado por uma garota. (OZ, 1999, p. 40).

Por um momento ele parecia uma grande boneca de borracha inflada. Não parecia nem um pouco um canalha. E, contudo, não me esqueci que devia continuar a considerá-lo um canalha. (OZ, 1999, p. 44).

⁴ Haveria aqui alguma motivação em torno do número sete? O sargento é conhecido a partir de capítulos anteriores (há uma *preparação* no capítulo sexto), mas a apresentação oficial, por assim dizer, ocorre somente no capítulo sétimo.

Tal caracterização não combina com a imagem comumente aceita para a descrição do inimigo. Como se pôde perceber, alguns elementos (maciez, algodão, garota, boneca) contêm traços de familiaridade, de intimidade que não se aplicam a inimigos, principalmente militares, que se definem pela crueldade e pela brutalidade. Principalmente se for levado em consideração que o termo *mão*, no capítulo, é caracterizado com valores negativos. É um recurso metonímico de expressão; representa o inimigo por suas *garras*:

Lia muito nos jornais sobre as mãos dos ingleses. Por exemplo: “Tirem as mãos dos nossos refugiados de guerra!”. Ou: “Que seja cortada fora a mão arrogante que se levanta contra s nossas últimas esperanças!”. Ou então: “Amaldiçoada seja a mão que aperta a mão dos nossos opressores!”. Ou ainda: “Que desapareça para sempre a mão gigantesca, firme e desdenhosa, como nos versos da poetisa Rachel”. (OZ, 1999, p. 40)..

A sensação de estar sob as garras do inimigo foi totalmente diferente do que Prófi esperava. Sentiu-se, então, incomodado com a surpresa⁵.

1.2 A surpresa

O contato com o inimigo não provocou a reação esperada. Surpresas da vida. Por quê? A reação de surpresa pode ser percebida nas seguintes passagens:

Eu queria dizer ao inglês para tirar a mão da minha nuca, mas não sabia como. E nem tinha muita certeza se queria mesmo dizer isso. (OZ, 1999, p. 40).

⁵ O capítulo 16 continua a apresentação do sargento; confirma as informações do capítulo sétimo e acrescenta outras. Merece destaque a forma particular com que Dunlop é caracterizado. Ele é distraído: “Quem já viu ou na vida real ou num filme, um inimigo distraído? Ou tímido? O sargento Dunlop era um inimigo distraído, e sobretudo muito tímido” (OZ, 1999, p. 82). Deve ser destacado, aqui, o termo *distraído*, que tem importância especial no contexto. Seria instigante se houvesse entre *trair* e *distrair* relações etimológicas na língua original do livro, o que parece não ocorrer (em todo caso, esse par de termos pode fazer parte do jogo de duplos sobre o qual será feita menção adiante). Contudo, pode-se admitir que, no contexto de lutas militares, a distração é uma espécie de traição.

Contra a minha consciência, contra os meus princípios, contra o meu bom senso, de repente simpatizei com ele. (OZ, 1999, p. 41).

A reação não foi premeditada, tampouco pôde ser evitada. Algo estava errado, não estava seguindo o *script* previsto. O que estava acontecendo? O policial inimigo era gordo, desajeitado, asmático. Prófi poderia, se quisesse, fugir, além de surrupiar a arma dele. Por que não fez isso? O inimigo não pareceu tão mau quanto haviam dito para ele. Tanto que sentiu vontade de prolongar aquele contato *amistoso*. Pode-se supor que houve entre eles uma espécie de sedução.

1.3 A sedução

Prófi foi vítima de um fenômeno que está descrito no capítulo 18, explicado com palavras mais precisas (ele era apaixonado por palavras, um estudioso delas): “[...] tentação que suga todos os freios e clama para cedermos ao chamado do pecado: chama-se ‘sedução’. Como um cruzamento entre sedição e sucção” (OZ, 1999, p. 103).

Ele tinha cometido um pecado: deixou-se seduzir pelo inimigo. Que culpa tinha se o inimigo era diferente do que tinham dito para ele? Isso poderia ser considerado uma traição?

1.4 A traição

Isso o fez lembrar o maldito estigma do qual era então vítima. Traidor! – estava traindo a causa da *resistência* naquele encontro. Ou não?

Que estranhas sensações tomaram conta daquele pré-adolescente naquela ocasião! Por um momento, na noite do encontro, quando o sargento Dunlop, asmático e curto de fôlego, parou para recuperar as forças, Prófi sentiu vontade de buscar para ele um copo de água. Esse impulso provocou uma inesperada reação, assim descrita:

Se a marca da traição é um gosto ruim na alma, ou a sensação dos dentes rangendo, como se mastigassem sabão ou casca de limão, ou como o giz raspando o quadro-negro, então naquele momento talvez eu tenha sido um pouco traidor. Embora não possa negar que havia também uma espécie de prazer secreto. (OZ, 1999, p. 45).

Que culpa tinha se o inimigo não correspondia ao que se esperava? Por que pintaram uma imagem do inimigo muito diferente da que Prófi agora passava a conhecer? Por que mentiram para ele e o enganaram, mostraram a ele somente um lado da moeda? Traíram-no. Se ele tinha sido traído por ter sido induzido a interiorizar um estigma que não correspondia à realidade agora percebida, a atitude dele deveria ser considerada uma traição? Ou seria uma traição da traição? Uma traição da traição anula a traição? Ou a torna mais grave? Essas dúvidas perturbam Prófi quando ele pensa se deve ou não contar essas coisas para Yardena, a quem tinha visto nua de seu posto de observação:

Eu deveria ter perdido perdão a Yardena por aquilo que quase não vi, não de propósito. Pelos pensamentos que têm me vindo desde então. Mas como? Para lhe pedir perdão eu teria que lhe contar o que aconteceu, e a própria história já era uma espécie de traição. Então, pedir perdão a Yardena seria uma espécie de traição da traição? Complicado. Será que trair a traição anula a traição original? Ou será que a torna duas vezes pior? Uma pergunta e tanto⁶. (OZ, 1999, p. 74).

2 OS DOIS LADOS

O capítulo sétimo também reitera um elemento importante na obra. Trata-se da ideia segundo a qual tudo tem dois lados, pelo menos. Essa ideia é apresentada logo no capítulo segundo, num diálogo de Prófi com seus pais. Quando Prófi diz que o seu professor de Bíblia traía sua mulher todo dia na

⁶ A ideia de que a própria história já se configura numa espécie de traição vai ter seu duplo no final do livro, numa interrogação enigmática, mas significativa (o que, no caso, é uma duplicação): “E o que dizer do relato em si? Será que por ter contado a história traí mais uma vez a eles todos? Ou pelo contrário: não contar seria traí-los?” (OZ, 1999, p. 144). Essa pequena sequência apresenta três interrogações. Assim termina o livro: com interrogações.

sala de aula com referências preconceituosas em relação a ela, o seu pai, depois de ser instado pela mãe a tentar compreender o menino, diz, calmamente: “[...] tudo neste mundo tem pelo menos dois lados” (OZ, 1999, p. 12). Ao que, corajosamente, o menino acrescentou: “Exceto a sombra”⁷.

Isso é reiterado ao longo da obra de três maneiras. Em primeiro lugar, pela repetição do número dois; em segundo, pela duplicação de alguns fatos; em terceiro, pela natureza conflitiva e opositiva de ideias, valores e fatos que estabelecem contrastes que são um a traição do outro.

2.1 O número dois

Transcrevemos abaixo alguns excertos do livro em que se sobressai o número dois (além daquelas que fazem referência aos dois lados das coisas):

A Ben Hur e a mim veio se colar Tchita Reznik, o garoto que tinha dois pais. (OZ, 1999, p. 29).

Juntei o que restava da minha voz e respondi, dobrando em dois, em quatro, em oito o jornal em cima da mesa. (OZ, 1999, p. 115)⁸.

[...] e lembre-se de trancar a casa com as duas chaves. (OZ, 1999, p. 116).

[...] checou o cantinho dos temperos, examinou os dois fogareiros. (OZ, 1999, p. 120).

[...] pus a mesa para nós dois. (OZ, 1999, p. 122).

⁷ *Sombra* desempenha também significativo papel no contexto do livro e, particularmente, no contexto do capítulo segundo. Associa-se a trevas, morte, tragédia. No último capítulo é reforçada tal ideia, ampliada no drama existencial da *nossa história*: “Assim é a nossa história: vem da escuridão, faz alguns rodeios e volta para a escuridão. Deixa atrás de si uma lembrança em que se misturam a dor e algum riso, o arrependimento, o espanto” (OZ, 1999, p. 143). Por isso, ainda, a sombra se associa ao desconhecido. Daí a expressão “Tudo tem dois lado, exceto a sombra” pode adquirir maior densidade dramática.

⁸ Temos aqui o fenômeno da duplicação da duplicação. Talvez possa parecer exagero, mas no capítulo 20, curtindo sua ansiedade pela chegada de Yardena, Prófi registra dois momentos, em relação ao toque de recolher, que começava às sete horas: “Assim esperei até nove minutos antes das sete, quando o toque de recolher estava quase começando” (OZ, 1999, p. 117); logo depois: “Ele chegou às cinco para as sete” (OZ, 1999, p. 119). As duas referências temporais são importantes sob o ponto de vista psicológico ao marcarem a ansiedade de Prófi, enquanto grandezas matemáticas gravitam em torno do número dois (sete mais dois, sete menos dois).

Yardena fumou dois cigarros e tomou duas xícaras de café. (OZ, 1999, p. 123).

Durante algumas semanas minha mãe abrigou em nossa casa dois meninos órfãos. (OZ, 1999, p. 137).

Evidentemente a reiteração desses elementos não configura a absolutização de grandezas matemáticas. Devem ser entendidos sob a isotopia do duplo.

2.2 Os duplos

Duplicações de alguns elementos, ao longo da obra, são recorrentes. A duplicação é um recurso de amplificação, de recorrência, que assegura a reiteração⁹.

Por exemplo, a maciez, associada ao feltro da mesa de bilhar e ao sargento Dunlop (no lugar em que se encontravam havia uma mesa de bilhar); os joelhos de Yardena são referidos duas vezes, com ênfase na maneira com que ajeitava a barra do vestido, como se o joelho dela fosse um bebê; a ferida de Prófi, da qual Yardena cuidou, também é referida duas vezes, o que mereceu um lamento posterior dele, pois o outro joelho não tinha sido ferido; ainda em relação a Yardena, a expressão “risada que é só das garotas que sabem ser garotas” é duplicada, além da duplicação de *garotas*. A possibilidade de um encontro amistoso (que desfizesse as inimizades) da família, dos amigos e de Dunlop recebe o mesmo tratamento.

A importância desses elementos duplicados está na tarefa de projetar ênfase na isotopia do duplo, que por sua vez somente se reveste de maior realce a partir dos elementos de oposição e de contraste.

2.3 Os duplos opostos

Uma ideia predominante em *Pantera no porão* é a constante apresentação do princípio de que nada no mundo é absoluto; isso ocorre com o recurso da

⁹ O tema do duplo se perde em nossas origens míticas universais; contudo, em *Pantera no porão*, esse recurso diz respeito ao enfrentamento com o inimigo e gira em torno de uma questão central para a obra: a traição.

duplicação. Tal ideia ganha maior reforço quando instaura redes de oposições. Se nada é absoluto, tudo tem o seu duplo, sob o qual deve ser entendido. Tudo tem dois lados, pelo menos.

O nome do movimento de resistência criado pelos garotos pode ser um bom exemplo: “Liberdade ou Morte” (LOM). Dois substantivos. Dois contrários.

A complexidade da obra (e da própria vida) é marcada pela complexa oposição de ideias, que em alguns casos chega a atingir o alcance de um paradoxo ou de um oxímoro:

E se ela nem tivesse visto? Sim ou não? Rezei pedindo que não, mas tinha esperança que sim (OZ, 1999, p. 20).

[...] dou a mim mesmo esse tipo de conselhos. Dou, mas não sigo. (OZ, 1999, p. 72).

[...] desaparecer e, contudo, continuar aqui, vendo e ouvindo tudo. Ser eu, e também ser uma sombra. Estar presente sem estar presente. (OZ, 1999, p. 115).

[...] as costas voltadas para Yardena e minha alma o exato oposto. (OZ, 1999, p. 123).

[...] como se um outro Prófi tivesse brotado dentro de mim, esfuziante, irresponsável, expansivo e transbordante, como diz a Bíblia, foi como se, de repente, lá das profundezas jorrassem todas as fontes. (OZ, 1999, p. 124).

Não há uma conexão. E, contudo, há uma conexão. (OZ, 1999, p. 127).

Tudo o que descobri e não devia ter descoberto, e tudo o que eu devia ter descoberto, mas não descobri. (OZ, 1999, p. 138).

E o que é o oposto daquilo que realmente aconteceu? (OZ, 1999, 143).

Qual a conexão? É difícil dizer. E o que dizer do relato em si? Será que por ter contado a história traí mais uma vez a eles todos? Ou pelo contrário: não contar seria traí-los? (OZ, 1999, p. 144).

Esses elementos concentram em si todo vigor do apelo do livro à reflexão sobre a natureza da verdade sobre a qual construímos nossas convicções. Desgraças na história humana sempre ocorrem quando apenas um lado de dada situação ou acontecimento é privilegiado. Quando isso acontece, há uma

parcialidade deformadora que cria espaço para o surgimento do autoritarismo, da inimizade, da guerra, da traição.

Pois a vida é resultado da combinação complexa de complexos elementos opostos entre si. Ela tem pelo menos dois lados, e ambos devem ser considerados interdependentes e complementares. Quando se vê o outro lado como o mal, o inimigo, o demônio, tudo está perdido.

Essa oposição de ideias e valores induz à admissão de uma lógica dialética na qual a síntese é, necessariamente, o resultado de uma coexistência de elementos opostos entre si. Para exemplificar isso, podemos tomar as respostas dadas à pergunta acima transcrita: “E o que é o oposto daquilo que realmente aconteceu?” (OZ, 1999, p. 143).

Minha mãe costumava dizer: “O oposto do que aconteceu é aquilo que não aconteceu”.

E meu pai: “O oposto do que aconteceu é o que ainda vai acontecer”.

[...] catorze anos depois, perguntei a Yardená [...] ela respondeu: “O oposto do que aconteceu é o que poderia ter acontecido, se não fossem as mentiras e o medo”¹⁰. (OZ, 1999, p. 143-144).

A ênfase ao duplo e a elementos opostos por ele instaurados também está presente no interesse comum que Prófi e o sargento Dunlop têm no aprendizado de idiomas. Esse aspecto importante da obra é um desdobramento interessante desse jogo de oposições e duplos.

3 O aprendizado de idiomas

O conhecimento, ensino ou aprendizagem de línguas é outro traço recorrente na obra que está também presente no capítulo sétimo. O pai de Prófi era um estudioso que conhecia várias línguas. Prófi era um estudioso das palavras e

¹⁰ Ocorrem duas respostas, sustentadas em duplas opostas: pai/mãe, passado/futuro. Interessante é que catorze pode ser considerado uma duplicação (duas vezes sete, número cabalístico, na tradição bíblica); por outro lado, Yardená menciona duas razões (na oração condicional), para o que poderia ter acontecido.

desejoso de conhecer outras línguas, igualmente; o sargento era estudioso do hebraico bíblico e do árabe literário¹¹.

O sargento propõe a Prófi uma troca de aprendizado¹²: um ensinaria ao outro sua língua materna. O narrador reconhece que conhecemos melhor o inimigo quando conhecemos a língua dele. Daí se conclui que quando alguém conhece outra língua, assume a cultura que ela veicula solidariamente, de certa forma. A língua aproxima os povos, quando por eles entendida. Daí decorre a expressão *falar a mesma língua*¹³, que significa mais do que a partilha de um mesmo código linguístico: representa a convergência de sonhos e ideais: “Será teu desejo que continuemos a ver o rosto um do outro, e que juntos aprendamos cada um o idioma de seu irmão?” (OZ, 1999, p. 42-43) ¹⁴.

Mais do que aprender a língua do outro, está implícita, na proposta do sargento, a ideia de recuperação de laços de fraternidade perdidos. Está mal disfarçado aquele ideal mítico em que os humanos não eram inimigos uns dos outros e falavam a mesma língua, em tempos muito remotos. Situação bem diferente da atual, em que o homem é o lobo do homem. Ou, em outras palavras: o homem é o traidor de si mesmo.

Dentro dessa perspectiva, pode-se pensar em recuperação ou reafirmação do ideal messiânico como tempo de restauração da paz nas relações humanas,

¹¹ “[...] se eu ajudasse a lavar a louça do jantar, prometeu me ensinar também o alfabeto cirílico [...] Depois eu aprenderia também o sânscrito. E aprenderia um outro dialeto [...]” (OZ, 1999, p. 97). Quanto ao sargento, ele era amante das línguas de dois povos em guerra; o personagem opera em si a síntese possível: ambas as línguas são literárias e clássicas, com riquezas apreciáveis. Para a economia da obra, se a paz era possível no âmbito das línguas e suas respectivas literaturas, por que não seria no campo político e militar?

¹² Há aqui uma troca, que representa também o duplo; representa a superação do duplo-oposto-inimigo; é a distensão da tensão projetada sobre o inimigo.

¹³ Falar a mesma língua pode ser entendido também como a criação de um ambiente no qual as pessoas possam conversar como iguais, com respeito mútuo, o que constitui a natureza do diálogo, independentemente do lugar social dos interlocutores: “Em vez de passar sermão no menino toda hora, feito Moisés no monte Sinai, quem sabe você não encontra um tempinho para brincar com ele de vez em quando? Conversar: lembra? Duas pessoas sentam juntas, as duas falam e as duas escutam? Cada uma tentando compreender a outra?” (OZ, 1999, p. 89). Note-se a ênfase à ideia de duplo.

¹⁴ Interessante é o fato de que Prófi não sabe pronunciar a palavra *inimigo* na língua do inimigo; isso se combina com o nó dramático em que se insere o fato, pois Prófi não considera o sargento, afinal, inimigo; isso significa, também, que ele não sabia o que era de fato ser inimigo.

tempo em que todos serão irmãos. Tempo em que todos se respeitarão, em que não haverá traidores nem traídos: “Eu não esqueci que ele representava o inimigo; e, contudo, sentia um impulso de lhe estender a mão. Não para lhe apertar a mão, mas para apoiá-lo. Como a um bebê. Ou a um cego” (OZ, 1999, p. 81).

Há outra figura que se reporta a esse ideal: o encontro da conversa e da refeição. Por duas vezes (o duplo!) foram registradas a vontade de encontro e de reunião (re-união: o duplo!) entre familiares e amigos de Prófi e, claro, com inclusão do sargento Dunlop:

E tocava seu clarinete: era como se a música não viesse do instrumento, mas de dentro de Yardená, passando pelo clarinete apenas por um momento, para captar um pouco de doçura e melancolia, e o levasse, a você, para um lugar verdadeiro, tranquilo, um lugar onde não existe inimigo, não existe luta, e onde tudo está livre de vergonha, de traição e de pensamentos de traição. (OZ, 1999, p. 54).

Por que não poderíamos nos reunir algum dia no salão dos fundos do Café Orient Palace, o sargento Dunlop, minha mãe, meu pai, Ben Hur, Yardená, o Grande Mufti Hadju Amin, meu professor, Sr. Ghihón, os comandantes da Resistência, o Sr. Lázarus e o alto comissário, todos nós, até mesmo Tchita e a mãe dele e seus dois pais alternativos, e conversar por duas ou três horas, e compreender finalmente o coração um do outro, renunciar um pouco, acalmarmo-nos e perdoar? Sairmos e irmos todos juntos até a beira do rio, para ver se a veneziana azul levada pela corrente já voltou? (OZ, 1999, p. 85).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O crítico Robert Alter sintetiza a obra de Amós Oz com a seguinte afirmação:

Oz [...] tende a ver o conflito armado por razões de estado não como um trauma moral inesperado [...] mas como fato existencial equivocado. Embora seus romances e escritos tipicamente usem explícito e às vezes explosivo material político, ele parece menos interessado em política e mais em procurar saber como a política pode prover um espelho para a vida subterrânea da nossa psiquê. (ALTER, 1975, p. 329).

Essa avaliação é oportuna para os objetivos deste trabalho com a observação de que, no caso específico de *Pantera no porão*, a referência à política deve ser subordinada à esfera militar – sabendo-se, contudo, que ambas estão confundidas.

A aura de inocência infantil pré-adolescente do garoto Prófi empresta à obra maior abrangência dramática. O mundo infantil se confunde com a realidade em jogos lúdicos. O chão da sala de estar de Prófi era a arena em que acontecia a guerra de dimensões cósmicas; derrotava o inimigo opressor britânico com uma palavra ou um gesto. Essa fusão fantasia/realidade é muito comum nessa faixa etária. O fenômeno pode ser visto, também, em crianças que brincam de médico: elas estão investidas de inquestionável conhecimento e poder para a cura e erradicação das mais graves doenças do mundo; ou em meninos que vestem roupas de super-heróis e voam pelos ares (pelo menos na imaginação). Esse jogo lúdico revela sonhos e ideais de realização necessários à formação da personalidade quando ocorre em doses equilibradas. Contribui para esse processo, no livro, os personagens dos filmes a que assistiam no cinema Edison.

No caso de Prófi, a equação fantasia x realidade foi mais trágica do que para as nossas crianças, não somente em relação aos jogos e brincadeiras inocentes da infância e pré-adolescência. Ele descobriu que o inimigo mais perigoso pode estar do lado de cá da trincheira – e por isso mais perigoso –, cego pela miopia de ver um só lado da realidade. Um dos desejos de Prófi era justamente reorganizar a LOM e “dissolver a Divisão Especial de Segurança Interna e Investigações: e, por fim, criar um método para evitar decisões arbitrárias e proteger os combatentes contra os perigos da rivalidade interna” (OZ, 1999, p. 88).

Em outras palavras, o inimigo está mais dentro do que fora de nós mesmos. Em uma das cartas trocadas com o escritor japonês Kenzaburo Oe¹⁵, Amós Oz se refere diretamente a isso; afirmando ter sido um militar que esteve no campo

¹⁵ Publicadas no caderno “Mais!”, do jornal *Folha de São Paulo*, em 10 jan. 1999.

de batalha, o escritor israelense chegou a esta conclusão: “[...] o maior perigo não está nas armas e nas bombas, nem nos governos e nos militares, mas no coração humano: agressão, fanatismo, prepotência, excesso de zelo, incapacidade de imaginar, incapacidade de ouvir, de rir – principalmente de nós mesmos”. Na mesma carta, ao falar da necessidade de tolerância, Oz faz referência ao bom humor, caracterizado por conter relativismo: “acredito que humor é um grande redentor – alguém capaz de rir de si mesmo deixa de ser um fanático. O bom humor, afinal, contém relativismo, e o relativismo talvez seja capaz, até certo ponto e em alguns casos, de nos ‘ensinar a superar nossa loucura’”.

A traição, como tudo na vida, deve ser entendida como um fenômeno relativo, inerente à natureza humana, que é marcada por ambiguidades e interrogações. Quando o nosso comportamento é pautado pela percepção de um único lado que as coisas têm, a vida torna-se mentirosa, e a evidência mais objetiva disso é o autoritarismo ou o dogmatismo (são o mesmo fenômeno, classificados diferentemente, dependendo do campo em que se manifestam), cujos efeitos são fatais. O processo de dominação pode ser um eloquente exemplo disso: “Esse é o problema da dominação: quem começa não consegue parar” (OZ, 1999, p. 125). No campo de forças da vida, o vetor da dominação tende a ver traidores por toda parte, pois se há dois lados, para quem domina somente *um lado é o certo*.

Mas, afinal, o que é a traição?

Uma pergunta e tanto.

REFERÊNCIAS

ALTER, R. **Modern Hebrew Literature**. Springfield: Behrman House Publishing, 1975.

OZ, A. **Pantera no porão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

OZ, A. **Descobri a cura do fanatismo**. Folha de São Paulo, São Paulo, Caderno Mais!, p. 5, 10 jan.1999.